

Abolição e emancipação das mulheres

O primeiro romance de Júlia Lopes de Almeida e as questões que o Brasil ainda não resolveu

Com a *A família Medeiros* a Editora Hedra inicia a publicação das Obras Completas de Júlia Lopes de Almeida, que serão publicadas em 18 volumes.

A família Medeiros veio a público, pela primeira vez, em 1891, em folhetim, na *Gazeta de Notícias*, e em livro no ano seguinte. A edição de referência para este volume é a de 1919, ano em que o romance foi reeditado e a autora teve a chance de revisá-lo, conferindo-lhe forma definitiva, depois de quase trinta anos da primeira edição.

Ambientado em Campinas, no estado de São Paulo, o livro retrata os costumes e conflitos entre duas gerações da família do Comendador Medeiros, um cafeicultor brutal que resiste à iminente emancipação dos escravizados e à valorização do trabalho assalariado. Por outro lado, Eva, sua sobrinha, e Otávio, seu filho, defendem abertamente os ideais abolicionistas e republicanos. No seio da Família Medeiros encontram-se, portanto, duas questões centrais do Brasil que ainda estão por resolver, apesar dos avanços recentes: o racismo e a emancipação das mulheres.

Cada uma das duas gerações administra uma fazenda: a Fazenda Genoveva, conduzida pela mão forte do Comendador e seus

Esses embates correspondem, no conjunto do romance, à resistência dos escravizados da Fazenda Genoveva, que articulam um levante pela própria libertação, e ao projeto inovador de Eva na administração dos negócios da Fazenda Mangueiral, herdada ao pai, cujos negócios são conduzidos com respeito à dignidade humana por meio da partilha dos lucros. Com o propósito de sensibilizar o público da época quanto à brutalidade da escravidão, Júlia Lopes de Almeida registrou o ambiente social e político paulista dos últimos anos do século

textscxix, descrevendo o sofrimento dos escravizados e suas formas de resistência, como as revoltas contra os proprietários e os quilombos.

Júlia Lopes
de Almeida

A família Medeiros

obras ✱
completas

Metabiblioteca



Título *A família Medeiros*

Autor Júlia Lopes de Almeida

Organizadores Anna Faedrich e Rafael Bal-
seiro Zin

Editora Hedra

ISBN 978-85-7715-721-1

Pág. 280

Pré-venda 30/05

Lançamento XX/XX

Preço R\$ XXXXX

Sobre o autor

Friedrich Nietzsche (Röcken, 1844–Weimar, 1900), filósofo e filólogo alemão, foi crítico mordaz da cultura ocidental e um dos pensadores mais influentes da modernidade. Descendente de pastores protestantes, optou, no entanto, pela carreira acadêmica. Aos 25 anos, tornou-se professor de letras clássicas na Universidade da Basileia, onde se aproximou do compositor Richard Wagner. Serviu como enfermeiro voluntário na guerra franco-prussiana, mas contraiu difteria, que lhe comprometeu a saúde definitivamente. Retornou à Basileia e passou a frequentar mais a casa de Wagner. Em 1879, devido a constantes recaídas, deixou a universidade e passou a receber uma renda anual. A partir daí assumiu uma vida errante, dedicando-se exclusivamente à reflexão e à redação de suas obras, dentre as quais se destacam: *O nascimento da tragédia* (1872), *Considerações Extemporâneas* (1873–1874), *Assim falava Zaratustra* (1883–1885), *Para além do bem e mal* (1886), *A genealogia da moral* (1887) e *O anticristo* (1895). Em 1889, apresentou os primeiros sintomas de problemas mentais, provavelmente decorrentes de sífilis. Faleceu em 1900.

Sobre o tradutor

André Luis Mota Itaparica é doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É autor de *Nietzsche: Estilo e moral* (Discurso/Unijuí, 2001), *Verdade e linguagem em Nietzsche* (Edufba, 2014), numerosos artigos e contribuições a obras sobre Nietzsche, Crítica da Moral, Idealismo, Realismo, Natureza, Cultura etc.

Trechos do livro

- **A miséria dos homens frente aos animais**

- Observe o rebanho a pastar: ele nada sabe do que é o ontem e o hoje; saltita aqui e acolá, come, descansa, digere, novamente saltita, noite e dia, dia após dia. Em resumo, preso ao seu prazer e desprazer, estancado no instante, não se entristece nem se enfastia. Ver isso é difícil para o homem, que se vangloria de sua humanidade perante o animal, mas contempla enciumado a sorte deste — pois o homem apenas quer, como o animal, viver sem fastio e sem dor; mas o quer em vão, por não querer como aquele. O homem pergunta ao animal: “por que nada me diz de sua sorte e apenas me fita?” O animal quer responder e dizer: “acontece que eu sempre esqueço o que quero dizer” — mas já esquece essa resposta e silencia, e o homem se espanta.

- **A ciência domina a vida humana**

- Aliás, hoje é vangloriado o fato de que “a ciência começa a dominar a vida”: é possível que se chegue a isso, mas a vida assim dominada não tem muito valor, pois é menos vida e garante menos vida para o futuro do que outrora, quando se dominava a vida não pelo saber, mas por instintos e fortes alucinações. Mas esta não deve ser, como dissemos, uma época de personalidades harmoniosas, perfeitas e maduras, mas a do trabalho mais ordinário e mais útil possível. Isso significa que os homens devem direcionar-se aos propósitos da época para trabalhar o mais cedo possível. Eles devem trabalhar na fábrica das utilidades universais antes de se tornar maduros — porque seria um luxo dispensar do “mercado de trabalho” uma grande quantidade de força. Cegam-se alguns pássaros para que eles cantem melhor; não acredito que os homens de hoje cantem melhor do que os de outrora, mas sei que se cegam na atualidade. Mas o instrumento, o terrível instrumento que utilizam para cegar é uma luz por demais rútila, súbita e cambiante.